

O que aconteceu
com Annie

O que aconteceu com Annie

C. J. Tudor

Tradução de Flávia Rössler



Copyright © C. J. Tudor, 2019

TÍTULO ORIGINAL
The Taking of Annie Thorne

PREPARAÇÃO
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Raphani Margiotta

DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

FOTO DE CAPA
© Bela Molnar

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T827q

Tudor, C. J.

O que aconteceu com Annie / C. J. Tudor ; tradução Flávia Rossler.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.
288 p. ; 23 cm.

Tradução de: The taking of Annie Thorne

ISBN: 978-85-510-0475-3

ISBN: 978-85-510-0408-1 [ci]

1. Ficção inglesa. I. Rossler, Flávia. II. Título.

18-54578

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3^o andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Escritores são como quebra-cabeças. Precisamos de paciência,
perseverança e, às vezes, de alguém que pegue as peças.
Dedico este livro a Neil, por me completar.*

.

prólogo

Antes mesmo de entrar no chalé, Gary sabe que o caso é ruim.

Sabe pelo cheiro doce enjoativo que escapa pela porta aberta; pelo zumbido das moscas no corredor abafado e quente, e, se aquilo já não fôsse indício suficiente de que havia algo errado na casa, errado do pior modo possível, o silêncio confirmava.

Há um Fiat branco no acesso para carros, uma bicicleta apoiada na porta da frente e galochas jogadas logo na entrada. Uma casa de família. E mesmo quando uma casa de família está vazia, ela guarda um eco de vida. Ela não deveria ficar lá parada com um ar pesado e agourento e sob um silêncio sufocante como acontece com essa casa.

Mesmo assim, ele grita de novo.

— Ei! Tem alguém em casa?

Cheryl ergue a mão e bate rapidamente na porta aberta. Estava fechada quando eles chegaram, mas não trancada. Outra confirmação de que alguma coisa não estava certa. Arnhill pode ser apenas um vilarejo, mas ainda assim as pessoas trancam a porta.

— Polícia! — ela grita.

Nada. Nem um passo leve, um rangido, um sussurro. Gary suspira, sentindo um forte pressentimento de que não deveria entrar. Não é só o cheiro rançoso da morte. Há algo mais. Algo primitivo que parece induzi-lo a dar meia-volta e ir embora.

— Sargento? — Cheryl ergue os olhos para ele, uma sobrancelha fina levantada com ar questionador.

Ele olha para a companheira de pouco mais de um metro e sessenta e menos de cinquenta quilos. Com quase um metro e noventa e perto dos cento e trinta quilos, Gary é o urso Balu perto do delicado Bambi que Cheryl representa. Na aparência, pelo menos. Em termos de personalidade, basta dizer que Gary chora com filmes da Disney.

Ele faz um gesto breve e sombrio com a cabeça e os dois entram.

O cheiro forte e dominante de deterioração humana é repulsivo. Gary engole em seco e tenta respirar pela boca, desejando com todas as forças que outra pessoa — *qualquer outra pessoa* — tivesse atendido aquela ligação. Cheryl faz cara de nojo e cobre o nariz com a mão.

Chalés pequenos como aquele costumam seguir uma disposição padronizada. Corredor estreito. Escada à esquerda. Sala de estar à direita e cozinha minúscula nos fundos. Gary vai em direção à sala. Abre a porta.

Ele já viu cadáveres antes. Um menino vítima de um atropelamento cujo motorista fugiu. Um adolescente esmagado por um trator. Estavam horríveis, sim, nem é preciso dizer. Mas desta vez... *Isto é ruim*, pensa de novo. Muito ruim.

— Merda — sussurra Cheryl.

Gary não teria encontrado maneira melhor para se expressar. Tudo é transmitido naquele único palavrão. *Merda*.

Uma mulher está caída em um sofá de couro puído no meio da sala, de frente para uma enorme televisão de tela plana. A tela tem uma rachadura que lembra uma teia de aranha, em torno da qual dezenas de moscas varejeiras gordas rastejam preguiçosamente.

Outras zumbem ao redor da mulher. Ao redor *do cadáver*, Gary se corrige. Aquilo não é mais uma pessoa. É apenas um cadáver. Apenas mais um caso. Se recomponha.

Apesar do inchaço da putrefação, dá para dizer que ela devia ser magra e ter pele clara, agora mosqueada e marmorizada, com veias esverdeadas. Está bem-vestida. Camisa xadrez, jeans justo e botas de couro. É difícil calcular a idade, ainda mais porque grande parte do topo da cabeça não existe. Bem, não é exatamente como se não existisse. Gary consegue ver pedaços dele grudados na parede, na estante e nas almofadas.

Não há muita dúvida sobre quem puxou o gatilho. A espingarda ainda está no colo da mulher, os dedos inchados a segurando. Em um instante, Gary avalia a provável sequência de acontecimentos: arma na boca, puxa o gatilho,

a bala sai um pouco para a esquerda, que é onde se vê o maior estrago (o que faz sentido, já que a arma está na mão direita).

Gary é um sargento da polícia, quase não se envolve em perícias, mas a frequência com que assiste a *CSI* lhe parece o suficiente.

A decomposição provavelmente aconteceu bem depressa. Faz calor no chalé; é quase sufocante, na verdade. Fazia vinte e cinco graus do lado de fora, as janelas estão fechadas e, mesmo com a cortina cerrada, a temperatura no ambiente devia estar beirando os trinta e poucos. Gary já está sentindo o suor descer pelas costas, umedecer as axilas. Cheryl, que nunca perde a calma, está secando a testa e parece desconfortável.

— Merda. Que bagunça — ela diz, com uma voz desanimada que ele não costuma ouvir.

Ela balança a cabeça enquanto observa o corpo no sofá, depois percorre com os olhos o resto da sala, os lábios crispados e o rosto sombrio. Gary sabe o que ela está pensando. *Chalé confortável. Carro bom. Roupas elegantes. Mas nunca se sabe. Nunca se sabe de verdade o que acontece lá dentro.*

Além do sofá de couro, os únicos móveis são uma estante de carvalho pesada, uma mesinha de centro e a televisão. Ele olha de novo para o aparelho, se perguntando sobre a rachadura na tela e sobre o motivo pelo qual as moscas parecem se mover com tanto interesse por toda a sua extensão. Então dá alguns passos à frente, sentindo o vidro quebrado se estilhaçando sob os pés, e se inclina.

De perto, ele percebe o motivo. O vidro trincado está coberto de sangue escuro coagulado. Mais sangue escorreu pela tela até o chão e ele percebe que por pouco não pisou em uma poça pegajosa que se espalhou pelo assoalho.

Cheryl se aproxima.

— O que é isso? Sangue?

Ele pensa na bicicleta. Nas galochas. No silêncio.

— Precisamos verificar o resto da casa — diz.

Ela olha para o colega com expressão preocupada e assente.

A escada é íngreme, barulhenta, e mais vestígios de sangue escuro se espalham pelos degraus. No alto, um patamar estreito leva a dois quartos e um banheiro minúsculo. Embora pareça impossível, o calor naquele andar consegue ser mais intenso, e o cheiro, ainda mais repugnante. Gary faz um gesto para Cheryl verificar o banheiro. Por um momento, ele acha que ela vai argumentar. É óbvio que o cheiro vem de um dos quartos, mas, pela primeira vez, ela o deixa bancar o oficial superior e atravessa com cautela o patamar.

Gary observa a porta do primeiro quarto, um gosto metálico amargo na boca, e então a abre devagar.

É um quarto de mulher. Simples, limpo e vazio. Guarda-roupa em um canto, cômoda ao lado da janela, cama grande coberta com um edredom creme impecável. Na mesa de cabeceira, um abajur e uma foto solitária em um porta-retratos simples de madeira. Ele se aproxima e a examina: um menino de dez ou onze anos, pequeno e magro, com um sorriso grande e cabelo loiro bagunçado. *Ah, Deus*, ele se pega rezando. *Por favor, Deus, não*.

Com o coração ainda mais apertado, volta para o corredor e encontra Cheryl com semblante pálido e tenso.

— O banheiro está vazio — ela diz, e ele sabe que ambos pensam o mesmo.

Resta apenas um quarto. Apenas uma porta a ser aberta para a grande revelação. Irritado, ele afasta uma mosca com a mão e teria respirado fundo se o cheiro já não o estivesse sufocando. Em vez disso, segura a maçaneta da porta e a abre.

Cheryl é durona e não costuma ficar nauseada, mas ele percebe que ela sente ânsia de vômito. Sente o próprio estômago embrulhar, porém consegue controlar o enjoo.

Quando pensou que o caso era ruim, ele estava enganado. Tratava-se, na verdade, de um maldito pesadelo.

O menino está deitado na cama, vestido com uma camiseta grande demais, shorts folgados e meias esportivas brancas. O elástico delas deixa uma marca em suas pernas inchadas.

Meias muito brancas, Gary não consegue deixar de reparar. Um branco que quase cega. Um branco puro. Como o de um anúncio de detergente. Ou talvez só pareçam tão brancas porque tudo o mais está vermelho. Vermelho-escuro. Que mancha a camiseta enorme e se espalha pelos travesseiros e lençóis. E onde deveria estar o rosto do menino há apenas uma grande confusão de vermelho e feições indiscerníveis, em meio a corpos pretos apressados de moscas e besouros caminhando sobre a carne apodrecida.

A tela rachada da televisão e a poça de sangue no chão voltam à sua mente, e de repente ele visualiza a cena. A cabeça do garoto esmagada contra a TV repetidamente, depois golpeada no chão até ficar irreconhecível, até ele não ter mais rosto.

E talvez fosse esse o objetivo, ele pensa, quando ergue os olhos para outro detalhe vermelho. Um vermelho mais óbvio. Um vermelho que é impossível não perceber.

Letras grandes rabiscadas na parede acima do corpo do menino:

NÃO É MEU FILHO

um

Nunca volte. É o que todos sempre dizem. As coisas vão ter mudado. Elas não vão estar mais do jeito que você lembra. Deixe o passado no passado. Mas é claro que é mais fácil dizer do que fazer. O passado tem o hábito de se repetir nas pessoas. Como um curry ruim.

Não quero voltar. Não quero mesmo. Há muitas coisas mais importantes na minha lista de desejos, como ser comido vivo por ratos, ou dançar música country. Isso é para dar uma ideia da minha vontade de nunca mais voltar a ver a merda do lugar onde eu cresci. Às vezes, no entanto, não há outra escolha senão a errada.

É por isso que estou dirigindo por uma estrada sinuosa que atravessa o interior de North Nottinghamshire antes mesmo das sete da manhã. Há muito tempo não vejo essa estrada. Pensando bem, há muito tempo não vejo o dia a essa hora da manhã.

A estrada está tranquila. Apenas dois carros me ultrapassam, um buzinando (sem dúvida, o motorista quer indicar que o estou impedindo de avançar *à la* Lewis Hamilton rumo a um trabalho de merda ao qual ele precisa *muito* chegar alguns minutos mais cedo). Para ser justo com ele, eu de fato dirijo devagar. Nariz grudado no para-brisa, mãos agarradas ao volante, as juntas brancas e salientes: devagar.

Não gosto de dirigir. Tento evitar sempre que possível. Vou a pé, de ônibus ou de trem para viagens mais longas. Infelizmente, Arnhill não está em nenhuma das principais rotas de ônibus, e a estação de trem mais próxima fica

a quase vinte quilômetros. Dirigir é a única opção viável. Como eu disse, às vezes não há escolha.

Sinalizo e saio da estrada principal para pegar uma série de vias rurais ainda mais estreitas e traiçoeiras. Campos de vegetação túrgida marrom e suja espalham-se dos dois lados, porcos fungam junto a casebres de chapas enferrujadas, entre pés tombados de bétula branca. A floresta de Sherwood, ou o que resta dela. Os únicos lugares onde talvez seja possível encontrar Robin Hood e João Pequeno por aqui nos dias de hoje são nos letreiros mal desenhados de bares decadentes. Os homens que os frequentam em geral parecem muito alegres, e as únicas coisas que roubarão de você serão seus dentes, caso olhe para eles do jeito errado.

O norte não é necessariamente sombrio. Nottinghamshire nem é tão ao norte — a não ser para quem nunca saiu do abraço infernal da M25 —, mas, de certa forma, é desprovido de cor, insosso, exaurido da vitalidade que se esperaria de uma área rural. Como se as minas que já foram tão comuns na região tivessem, de alguma forma, acabado com a vida do lugar.

Por fim, depois de muito tempo sem ver qualquer coisa que se assemelhe a civilização, nem mesmo um McDonald's, passo por uma placa torta e semides-truída à minha esquerda: BEM-VINDO A ARNHILL.

Embaixo, algum sacana metido a engraçadinho acrescentou: PARA SE FERRAR.

Arnhill não é um vilarejo acolhedor. É amargo, ácido, inquietante. Vive isolado e olha para os visitantes com desconfiança. É estoico, imperturbável e enfadonho, tudo ao mesmo tempo. É o tipo de lugar que se ilumina quando você chega e cospe no chão com nojo quando o vê partir.

Além de umas poucas fazendas e casas de pedra mais antigas nos arredores, Arnhill não tem nada de especial ou pitoresco. Ainda que a mina tenha sido desativada definitivamente há quase trinta anos, seu legado ainda percorre o local como minério na terra. Você não verá tetos de palha nem cestos suspensos. As únicas coisas penduradas do lado de fora das casas são cordas de varal e uma ou outra bandeira de São Jorge.

Varandas de tijolos sujos de fuligem alinham-se ao longo de uma rua principal, onde há também um pub caindo aos pedaços: o Running Fox. Costumavam existir mais dois, o Arnhill Arms e o Bull, mas ambos fecharam há muito tempo. Em outra época (minha época), Gypsy, o proprietário do Fox, fazia vista grossa quando alguns garotos como nós, um pouco mais velhos, íamos lá beber. Ainda me lembro de vomitar três doses de uma bebida fortís-

sima — junto com o que parecia ser metade das minhas tripas — no banheiro imundo e, logo que me recuperei, me deparei com ele ali parado, segurando um pano e um balde.

Ao lado, o Wandering Dragon, que vende peixe e fritas para viagem, também não foi atingido pelo progresso, por uma nova pintura, nem — posso até apostar — por um cardápio novo. Uma lacuna nas minhas recordações: a lojinha da esquina, onde comprávamos todo tipo de bala e doce que se pudesse imaginar, se foi. A filial de um supermercado Sainsbury's ocupou seu lugar. Imagino que nem Arnhill esteja completamente imune ao avanço do progresso.

Com exceção disso, meus piores temores se confirmam: nada mudou. Infelizmente, o lugar está idêntico a como me lembrava.

Avanço um pouco mais pela rua principal, passo pelo parquinho em mau estado e pela pequena reserva ecológica do vilarejo. Há uma estátua de um mineiro no centro, um memorial aos trabalhadores mortos no desastre da mina de carvão de Arnhill em 1949.

Percorro os principais pontos da região, subo uma pequena encosta e vejo os portões da escola. Instituto Arnhill, como é chamado agora. A estrutura ganhou uma repaginada; o antigo prédio de inglês, do alto do qual uma criança caiu certa vez, foi derrubado e um novo pátio surgiu no lugar. Podemos revestir merda com purpurina, mas sempre será merda. Eu sei bem disso.

Paro no estacionamento dos funcionários nos fundos do prédio e saio do meu velho e cansado Golf. Há outros dois carros estacionados, um Corsa vermelho e um Saab antigo. As escolas quase nunca ficam vazias durante as férias de verão: os professores precisam fazer o planejamento das aulas, organizar cronogramas, supervisionar atividades. E, às vezes, participar de entrevistas.

Tranco o carro e dou a volta no prédio, tentando não mancar a caminho da recepção. Minha perna está doendo bastante hoje. Em parte por ter dirigido, em parte pelo estresse de estar de volta. Algumas pessoas têm enxaqueca; no meu caso, a minha perna ruim é que dói. Eu devia ter trazido minha bengala, na verdade, mas detesto usá-la. Ela faz com que eu me sinta um inválido. As pessoas me olham com pena, e não suporto que tenham pena de mim. A pena deve ser reservada para quem de fato a merece.

Com um leve estremecimento de dor, subo a escada que leva à porta de entrada. Uma placa luminosa acima dela diz: “Bom, melhor, perfeito. Nunca se acomode. Até que o bom esteja melhor e o melhor esteja perfeito.”

Frase inspiradora. Mas não posso deixar de pensar na alternativa de Homer Simpson: “Crianças, vocês tentaram e falharam miseravelmente. A lição que aprenderam é: nunca tentem.”

Toco o interfone ao lado da porta. Ouço um clique e me inclino para falar.
— Vim encontrar o Sr. Price.

Outro clique, um zumbido penetrante de interferência e, em seguida, o sinal de que a porta está liberada. Esfrego o ouvido, abro e entro.

A primeira coisa que me atinge é o cheiro. Cada escola tem o seu. Nas instituições modernas, é de desinfetante e limpador de tela. Nas escolas particulares, o cheiro é de giz, piso de madeira e dinheiro. O Instituto Arnhill cheira a hambúrguer velho, desodorizador de privada e hormônios.

— Olá?

Uma mulher de aparência austera, com cabelo grisalho curto e óculos, ergue os olhos por trás do vidro da recepção.

Srta. Grayson? Claro que não. A essa altura ela já estaria aposentada. Então percebo. A verruga escura no queixo, de onde ainda brotam os mesmos pelos pretos duros. *Meu Deus*. É ela! Isso deve significar que, aqueles anos todos atrás, quando eu a imaginava tão velha quanto um maldito dinossauro, ela tinha apenas o quê? Quarenta anos? A idade que tenho agora.

— Vim encontrar o Sr. Price — repito. — Sou Joe... Joe Thorne.

Espero algum sinal de reconhecimento. Nada. Afinal, faz muito tempo, e desde então ela viu centenas de alunos passarem por estas portas. Não sou mais o mesmo garoto magricela com um uniforme grande demais que atravessava a recepção correndo, torcendo para que ela não rosnasse meu nome e o dos meus colegas e nos repreendesse por estarmos com a camisa para fora da calça ou tênis diferentes do padrão da escola.

A Srta. Grayson não era de todo ruim. Muitas vezes eu via algumas das crianças mais fracas e tímidas na sua sala. Ela fazia curativos em joelhos ralados se a enfermeira da escola não estivesse por perto, deixava que elas ficassem ali e tomassem fresco enquanto esperavam para falar com algum professor, permitia que a ajudassem com os arquivos ou qualquer outra coisa para aliviar um pouco os tormentos da hora do recreio. Fazia dali um pequeno santuário.

Ela me assustava muito.

Ainda me assusta, percebo. Ela suspira — de um modo que deixa claro que a estou fazendo perder seu tempo, meu tempo e o tempo da escola — e pega o telefone. Eu me pergunto por que ela está na escola hoje. Ela não está

dando aula. Embora, de certa maneira, eu não esteja surpreso. Quando eu era pequeno, não conseguia imaginar a Srta. Grayson fora da escola. Ela fazia parte da estrutura daquele lugar. Era onipresente.

— Sr. Price? O Sr. Thorne o aguarda na recepção. Certo. Combinado. — Desliga o telefone. — Ele estará aqui em um minuto.

— Ótimo. Obrigado.

Ela volta para o computador e me ignora. Não oferece chá ou café. E nesse instante cada um dos meus neurônios clama por uma dose de cafeína. Sento-me em uma cadeira de plástico, tentando não parecer um aluno que não fez o dever de casa e por isso está à espera do diretor. Meu joelho lateja. Coloco as mãos sobre ele e, disfarçadamente, massajeio a articulação com os dedos.

Pela janela, vejo alguns adolescentes sem uniforme perto dos portões da escola. Eles bebem energético e riem de alguma coisa que veem no celular. Sou invadido por uma sensação de *déjà-vu*. Tenho quinze anos de novo, passo um tempo perto daqueles mesmos portões, bebo um gole de refrigerante e... sobre o que nos debruçávamos e do que ríamos antes da era dos smartphones mesmo? Revistas de música e outras pornográficas roubadas, acho.

Baixo os olhos para as minhas botas. O couro está um pouco arranhado. Eu devia tê-las engraxado. Mais do que nunca, preciso de um café. Estou prestes a me render e pedir a droga de uma bebida quando ouço o barulho de sapatos no linóleo polido e logo as portas duplas do corredor principal se abrem.

— Joseph Thorne?

Fico de pé. Harry Price é tudo que eu esperava, e menos. Magro, pele enrugada, cinquenta e poucos anos, usando um terno sem forma e mocassins sem cadarço. O cabelo grisalho ralo está penteado para trás, e tem uma expressão de quem está sempre na iminência de receber péssimas notícias. Um ar de exaustiva resignação paira sobre ele como uma loção pós-barba vagabunda.

Ele sorri. Dentes tortos, manchados de nicotina. Eles me fazem lembrar que não fumo desde que saí de Manchester. Isso, associado ao desejo quase incontrolável de cafeína, me faz querer ranger os dentes até desintegrá-los.

Em vez disso, estendo a mão e me esforço para dar o que espero ser um sorriso agradável.

— Prazer em conhecê-lo.

Percebo que ele me avalia rapidamente. Mais alto que ele pelo menos cinco centímetros. Bem barbeado. Bom terno, caro quando era novo. Cabelo escuro,

embora já com alguns fios grisalhos. Olhos escuros, agora mais injetados de sangue. Já me disseram que tenho um rosto honesto. O que serve apenas para mostrar como as pessoas sabem pouco.

Ele aperta minha mão com firmeza.

— Meu escritório é por aqui.

Penduro a bolsa no ombro, tento forçar minha perna ruim a andar direito e sigo Harry até seu escritório. É hora do show.

— Então, a carta de recomendação de sua antiga diretora é excelente.

Só podia ser. Eu mesmo a escrevi.

— Obrigado.

— Na verdade, tudo aqui parece de fato impressionante.

Mentir é uma das minhas especialidades.

— Mas...

Começou.

— Há um intervalo muito grande desde seu último emprego... Mais de um ano.

Pego o café com leite fraco que a Srta. Grayson jogou na minha frente. Tomo um gole e me esforço para não fazer uma careta.

— Sim, bem, foi de propósito. Decidi que queria um ano sabático. Dei aulas durante quinze anos. Estava na hora de me reabastecer. De pensar no futuro. Decidir qual rumo tomar depois.

— E posso lhe perguntar o que fez no seu ano sabático? Seu currículo é um pouco vago.

— Algumas aulas particulares. Trabalho comunitário. Dei aulas no exterior durante um tempo.

— É mesmo? Onde?

— Em Botswana.

Botswana? De onde tirei esse lugar? Acho que eu não seria capaz sequer de apontá-lo no mapa.

— Isso é muito louvável.

E criativo.

— Não foi totalmente por altruísmo. O clima era melhor lá.

Nós dois rimos.

— E agora quer voltar a lecionar em tempo integral?

— Estou pronto para uma nova etapa na minha carreira, sim.

— Nesse caso, minha próxima pergunta é: por que quer trabalhar no Instituto Arnhill? Com base no seu currículo, eu diria que você poderia escolher qualquer escola.

Com base no meu currículo, eu provavelmente deveria receber o Prêmio Nobel da Paz.

— Bem — respondo —, sou daqui. Fui criado em Arnhill. Gostaria de dar algo em troca para a comunidade.

Ele parece pouco à vontade e remexe os papéis na mesa.

— Está ciente das circunstâncias em que esta vaga se tornou disponível?

— Li a notícia.

— E como se sente a respeito?

— É trágico. Terrível. Mas uma tragédia não deve definir uma escola inteira.

— Fico contente de ouvi-lo dizer isso.

Fico contente por ter ensaiado as respostas.

— Embora eu imagine que todos ainda devam estar bastante abalados — acrescento.

— A Sra. Morton era uma professora muito querida.

— Tenho certeza disso.

— E Ben era um aluno promissor.

Sinto um nó na garganta, que logo passa. Aprendi a enfrentar momentos difíceis. Mas por um instante isso me entristece. Uma vida de promessas. Mas a vida não passa disso. Uma promessa, não uma garantia. Gostamos de acreditar que nosso lugar está definido no futuro, mas a única coisa que temos é uma reserva. A vida pode ser cancelada a qualquer momento, sem aviso, sem reembolso, não importa o quanto tenhamos avançado em nossa jornada. Ainda que mal tenhamos tido tempo de assimilar o cenário.

Como Ben. Como minha irmã.

Percebo que Harry continua a falar.

— É óbvio que a situação é delicada. Perguntas foram feitas. Como a escola pode não ter percebido que uma de suas professoras era mentalmente perturbada? Será que os alunos corriam risco?

— Entendo.

Sinto que Harry está mais preocupado com sua posição e com sua escola do que com o pobre Benjamin Morton, que teve o rosto destruído pela única pessoa que deveria estar ali para protegê-lo.

— O que quero dizer é que preciso ser cauteloso na escolha de quem preencherá a vaga. Os pais precisam ter confiança.

— Sem dúvida. Entenderei perfeitamente se houver um candidato melhor..

— Não estou dizendo isso.

Não há. Tenho certeza. E sou um bom professor (quase sempre). O fato é que o Instituto Arnhill é uma droga. Tem um desempenho ruim. É malvisto. Ele sabe. Eu sei. Conseguir um professor decente para trabalhar aqui será mais difícil do que encontrar um urso que não faça suas necessidades na floresta, ainda mais nas “circunstâncias” atuais.

Decido insistir nesse ponto.

— Espero que não se importe que eu seja sincero.

É sempre bom dizer quando não se tem a intenção de ser sincero.

— Sei que o Instituto Arnhill tem problemas. É por isso que quero trabalhar aqui. Não estou à procura de uma tarefa fácil. Estou à procura de um desafio. Conheço estas crianças porque fui uma delas. Conheço a comunidade. Sei exatamente com quem e com o que estou lidando. Isso não me intimida. Na verdade, acho que o senhor descobrirá que pouquíssima coisa me intimida.

Posso garantir que o conquistei. Eu me saio bem em entrevistas. Sei o que as pessoas querem ouvir. O mais importante é que sei quando elas estão desesperadas.

Harry se reclina na cadeira.

— Bem, acho que não tenho mais perguntas.

— Ótimo. Bem, foi um prazer..

— Ah, na verdade, só mais uma coisa.

Ah, que merda...

Ele sorri.

— Quando pode começar?